



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS**

MICHELLY PEREIRA DA SILVA

**CHICO BENTO: UMA PROPOSTA DE AULA PARA DISCUTIR O PRECONCEITO
LINGUÍSTICO.**

**GUARABIRA
2019**

MICHELLY PEREIRA DA SILVA

CHICO BENTO: UMA PROPOSTA DE AULA PARA DISCUTIR O PRECONCEITO LINGUÍSTICO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito a obtenção do título de Licenciatura em Letras Português com habilitação em Português.

Área de concentração: Sociolinguística e Ensino

Orientador: Dr. Juarez Nogueira Lins

**GUARABIRA
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Michelly Pereira da.
Chico Bento [manuscrito] : uma proposta de aula para discutir o preconceito linguístico / Michelly Pereira da Silva. - 2019.
35 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins , Departamento de Letras - CH."
1. Sociolinguística . 2. Chico Bento. 3. Preconceito Linguístico. I. Título

21. ed. CDD 306.44

MICHELLY PEREIRA DA SILVA

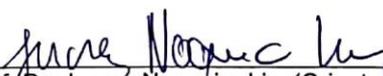
CHICO BENTO: UMA PROPOSTA DE AULA PARA DISCUTIR O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

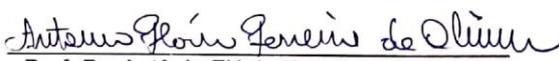
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em letras português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Língua portuguesa.

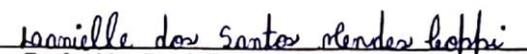
Área de concentração: Sociolinguística e Ensino

Aprovada em: 29/11/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico esse trabalho aos meus pais Maria José e José Josimar, que sempre me apoiaram em meus estudos e em todos os momentos da minha vida, aos meus irmãos Maria Mikaelly e José Michel, com todo amor e carinho e ao meu esposo Jaelson, que me deu apoio e compreensão para seguir firme na conclusão deste trabalho e de minha graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me permitido trilhar esse caminho e ter me deixado chegar até aqui.

Agradeço aos meus familiares e amigos que me apoiaram e me ajudaram com palavras incentivadoras nessa luta diária e pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

Agradeço às minhas colegas: Eloísa Lima, Daniele Soares, Joyce Pontes, Marina Oliveira, Renata Martins e Sueli Fernandes, pela amizade, pela força, por todos os abraços, sorrisos e pelos ótimos momentos que pudemos compartilhar todas as tardes na UEPB, pois sem vocês não teria sido fácil.

Agradeço à minha irmã de coração, Thalia Patrícia, pelo apoio, carinho e pelo incentivo nos momentos mais difíceis da minha vida.

Aos professores do Curso de Letras da UEPB, em especial, a Prof. Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi e o Prof. Dr. Antônio Flávio Ferreira Oliveira, que além de professores, se tornaram amigos e foram muito importantes, contribuindo bastante ao longo da minha formação acadêmica.

E, por fim, certamente agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins, pela atenção, paciência e incentivo com suas palavras sábias.

Enfim, obrigada a todos, por acreditarem no meu potencial e me fazerem acreditar muito mais em mim.

Muito Obrigada!

“Uma parte de mim é só vertigem: outra parte, linguagem.”

Ferreira Gullar

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O personagem Chico Bento.....	26
Figura 2: Chico Bento no shopping.....	27
Figura 3: Chico Bento representando o falar caipira.....	27
Figura 4: Preconceito linguístico sofrido pelo personagem.....	28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 BREVE HISTÓRICO ACERCA DO ESTUDO DA LINGUAGEM E DA SOCIOLINGUÍSTICA	14
2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA SOCIEDADE.....	18
2.1 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA SALA DE AULA.....	19
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	23
3.1 A natureza da pesquisa.....	24
3.2 O lócus da pesquisa.....	25
3.3 Sujeitos da pesquisa.....	25
3.4 Procedimentos desenvolvidos na aplicação da oficina.....	26
4 APRESENTAÇÃO, DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA OFICINA DIDÁTICA.....	29
4.1 A proposta da Oficina: “Chico Bento – O preconceito linguístico contra o falar caipira”.....	29
4.2 A descrição da oficina.....	29
4.3 Considerações iniciais sobre o personagem	30
4.4 Análise da oficina.....	31
4.5 Resultado da oficina	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	38

CHICO BENTO: UMA PROPOSTA DE AULA PARA DISCUTIR O PRECONCEITO LINGUÍSTICO.

MICHELLY PEREIRA DA SILVA¹

RESUMO

O presente trabalho tem como área de estudo a Sociolinguística, com o tema voltado para o preconceito linguístico. Tendo em vista a necessidade de minimizar esse preconceito na aula de Língua Portuguesa, que ainda apresenta traços de homogeneização linguística, questiona-se: a realização de atividades didáticas pode contribuir para redução do preconceito linguístico na sala de aula? Diante desse questionamento, objetivou-se levar os alunos a refletirem sobre o preconceito linguístico no “falar caipira” do personagem Chico Bento e, a partir dessas reflexões, propor uma atividade didática para diminuir e conscientizar sobre o preconceito linguístico na sala de aula. Tratou-se de uma pesquisa-ação, qualitativa, aplicada em uma escola pública, embasada nos estudos de Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Bagno (2007, 2015), Mollica e Braga (2017) entre outros. Os resultados obtidos com a pesquisa foram promissores, pois resultou na contribuição com relação ao objetivo principal do trabalho, comprovando que a realização de novas atividades didáticas em sala de aula pode contribuir para a diminuição do preconceito linguístico.

Palavras-Chave: Sociolinguística. Preconceito linguístico. Chico Bento.

¹ Aluna de graduação em Licenciatura Plena em Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba-Campus-III.
E-mail: michelly.silva.631@hotmail.com

ABSTRACT

The present work has as its area of study the sociolinguistics with the theme focused on linguistic prejudice. Given the necessity to minimize this prejudice in the Portuguese language class, which still presents traces of linguistic homogenization, the question is: can the accomplishment of didactic activities contribute to the reduction of linguistic prejudice in the classroom? In front of this questioning, the objective was to lead students to reflect on the linguistic prejudice in the “hillbilly speak” of the character Chico Bento and, from these reflections, propose a didactic activity to reduce and raise awareness about the linguistic prejudice in the classroom. It was an action-research, qualitative, applied in a public school, based on the studies of Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Bagno (2007, 2015), Mollica and Braga (2017) among others. The results obtained with the research were promising, as it resulted in the contribution regarding the main objective of the work, proving that the accomplishment of new didactic activities in the classroom can contribute to the decrease of the linguistic prejudice.

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic prejudice. Chico Bento.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, realizamos o estudo sobre o preconceito linguístico no “falar caipira” do personagem Chico Bento. Visto que, pela gramática normativa ter sempre sido vista para alguns professores da matéria de Língua Portuguesa como a língua oficial de todos de uma comunidade e por seu ensino ter sido trabalhado de forma mecânica em algumas salas de aula, esse fato tem dificultado o ensino-aprendizagem das variações linguísticas no ambiente escolar. A partir disso, percebemos que a linguagem representa a identidade de uma pessoa, e que, infelizmente, tal prática homogeneizadora de língua tem favorecido a discriminação linguística. Visto isso, sabemos que o principal papel do professor deve ser o de incluir a todos em suas aulas, e considerar a realidade dos alunos, procurando realizar práticas que valorizem as vivências e a realidade dos mesmos, a fim, de que eles se sintam valorizados, tanto como indivíduos quanto como falantes da língua. Por isso, esta pesquisa objetiva levar os alunos a refletirem sobre as variações linguísticas no “falar caipira” do personagem Chico Bento e a partir dessas reflexões, propor uma atividade que contribua para a minimização do preconceito linguístico na sala de aula.

Para atender o objetivo principal dessa pesquisa, temos os seguintes objetivos específicos: 1 Refletir sobre a variação linguística empregada no “falar caipira” do personagem Chico Bento; 2 Propor atividades didáticas para a minimização do preconceito linguístico na sala de aula; 3 Analisar se o objetivo dessa pesquisa obteve resultado no produto final da aplicação da oficina.

Para a realização da pesquisa, buscamos apoio em textos de alguns autores que são conhecidos pelo trabalho na área da linguística e da sociolinguística, como Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Bagno (2007, 2015), Mollica e Braga (2017) entre outros, procuramos, por meio destes, descrever o que é a área da sociolinguística, a variação e o preconceito linguístico, como eles são vistos pela sociedade, atentado, principalmente, para a desconstrução desse preconceito presente na sala de aula.

A pretensão em pesquisar sobre um tema voltado para a área da Sociolinguística, principalmente, sobre o preconceito linguístico será relevante para o nosso aprendizado enquanto estudantes da língua, e para a conscientização dos

alunos presentes em sala de aula, por ser um assunto pouco discutido na sociedade, uma forma de desrespeito e discriminação social com o falar de outras pessoas. Por isso, utilizamos o personagem Chico Bento para a realização desse trabalho, pelo fato da sociedade caracterizar o seu “falar caipira” como “errado” e para minimizar o preconceito que existe no ambiente escolar.

Estruturalmente, o trabalho está distribuído em três capítulos, no primeiro com base em alguns autores como Costa (2018), Mollica e Braga (2017), Martellota e Votre (2018), entre outros, buscamos apresentar os conceitos da Sociolinguística, procurando descrevê-la.

Tendo como referencial teórico Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Bagno (2015), entre outros, o segundo capítulo, contém noções teóricas sobre o preconceito linguístico, com o subtema do preconceito linguístico na sala de aula, seguido com a apresentação dos procedimentos metodológicos desenvolvidos para esta pesquisa.

No último capítulo trazemos a proposta da oficina, dividida em quatro etapas: apresentação, descrição, análise e resultado da oficina didática. Por fim são tecidas as Considerações Finais do presente estudo.

1 BREVE HISTÓRICO ACERCA DO ESTUDO DA LINGUAGEM E DA SOCIOLINGUÍSTICA

No processo de comunicação a linguagem é algo essencial, um instrumento utilizado por todos os falantes de uma sociedade. Como sabemos, com o passar do tempo, a língua foi evoluindo historicamente, e constantemente foi se reconstruindo nesse processo de transformação, adequando-se as várias formas de falares e aos diversos contextos existentes no mundo de hoje. Para tanto, o conhecimento sobre a língua advém do século XIX, com as investigações do linguista Ferdinand Saussure que instituiu os estudos para o surgimento da ciência denominada Linguística. O autor mencionado buscou entender a linguagem como “[...] um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedece a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente.” Costa (2018, p. 114) desse modo, para que esse estudo fosse realizado foram criadas dicotomias nas quais compreendem duas faces, entre elas estão Língua e Fala. Para Saussure:

[...] a linguagem deve ser tomada como um objeto duplo, uma vez que “o fenômeno linguístico perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale se não pela outra”(Saussure,1975: 15). Assim sendo, a linguagem tem um lado social, a *língua* (ou *langue*, nos termos saussureanos), e um lado individual, a *fala* (ou *parole*, nos termos saussureanos), sendo impossível conceber um sem o outro. (MARTELLOTA, apud SAUSSURE, 2018, p. 116 grifos do autor)

A partir desse pressuposto, entendemos que a língua é tida como um ato social, enquanto a fala é considerada como algo individual do ser humano. Portanto, ao decorrer dos anos, especificamente no século XX, surgiu a necessidade de novos pensamentos sobre o estudo da linguagem para a efetivação da língua no seu sentido social. Neste século, surgiu o advento da Sociolinguística, uma ciência que se ramificou da linguística, surgindo com a finalidade de entender a relação entre a língua e a sociedade, de modo que, buscasse explicar os processos das mudanças e alterações linguísticas feitas pelos falantes de uma determinada língua.

Os estudos Sociolinguísticos surgiram em meados da década de 60, em um congresso organizado pelo pesquisador William Bright. De início, a proposta do pesquisador para a Sociolinguística:

era demonstrar a covariação sistemática da variação linguística e social, ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às variações existentes na estrutura social desta mesma sociedade. (BRIGHT, 1974 apud ALKMIM, 2001, p. 28)

Portanto, para William Bright, o principal objeto de análise para a Sociolinguística era a língua correlacionada com a sociedade, observando o seu processo sincrônico, englobando nesse, o estudo da variação linguística. Após os estudos desse pesquisador, William Labov foi quem deu prosseguimento aos estudos Sociolinguísticos explorando a fala dos indivíduos, examinando o contexto social e procurando organizar o sistema linguístico ao qual o sujeito estava inserido, construindo assim, a sua teoria da “Sociolinguística Variacionista”, propelindo a sua pesquisa sobre a variação e a mudança linguística, assim sendo, o seu estudo foi direcionado para a língua e aos fatores extralinguísticos que atuam no seu uso social sem se prender a gramática normativa, ou seja, tentando compreender os resultados entre língua e sociedade. Assim, Cezario e Votre (2018) no livro Manual de Linguística, conceitua a Sociolinguística como:

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estruturada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação. (CEZARIO e VOTRE, 2018, p. 141).

O conhecimento da área da Sociolinguística contribui, de forma significativa, para o reconhecimento da estrutura do português brasileiro, entendendo os fatores externos que a língua possui. As autoras Mollica e Braga 2017, também definem a Sociolinguística como:

Uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Essa disciplina se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA e BRAGA, 2017, p. 09)

É preciso entender que se fez necessário em nossa sociedade o surgimento da Sociolinguística, para que pudéssemos valorizar as diversidades linguísticas e desconsiderar a ideia de um monolinguísmo, logo, a língua é uma atividade social e está sempre em desconstrução e reconstrução. Bagno (2015) em seu livro “Preconceito Linguístico” enfatiza com veracidade sobre o equívoco acerca do monolinguísmo da língua, o autor afirma:

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolinguísmo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana e viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.). (BAGNO, 2015, p. 27)

Portanto, seguindo nessa linha de pensamentos sobre os fatores externos que influenciam a linguagem humana, as autoras Mollica e Braga, ressaltam que:

[...] A Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. (MOLLICA e BRAGA, p. 10, 2017)

Por isso, compreende-se que toda variação que ocorre na língua, existe porque ela tem a característica de ser dinâmica e sensível a fatores estruturais e sociais como: origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho e redes sociais.

Para Bagno (2007, p. 36) “[...] a língua, na concepção dos sociolinguístas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e reconstrução. [...]”, ou seja, de acordo com o autor supracitado a língua não é algo pronto e acabado por isso não pode ser considerada homogênea, mas sim heterogênea, pois a todo momento passa por mudanças e variações, que são ocasionadas pela influência de aspectos sociais nos diferentes modos do

indivíduo expressar a sua fala. A esse respeito Bagno (2007) ressalta:

Se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedade, em qualquer lugar e qualquer época, heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e a transformações, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas. (BAGNO, 2007, p. 37)

De acordo com a citação acima entendemos que não há linguisticamente comunidades homogêneas, mas que a língua é diversificada e heterogênea. Dessa forma, o autor quebra com qualquer suposição de que a língua é apenas uma, e reforça que toda mudança que ocorre na língua está relacionada a fatores sociais. Visto que, a linguagem e a sociedade não se separam, a Sociolinguística contribui para a explicação da heterogeneidade linguística no Brasil e para a necessidade de um ensino de língua materna que respeite as diferenças socioculturais e os fenômenos linguísticos, defendendo que um bom falante da língua é aquele que sabe adequar sua fala aos diferentes contextos, não aquele que fala apenas de acordo com a norma, quebrando assim com a discriminação e o preconceito linguístico, assunto este que será discutido no próximo tópico deste trabalho.

2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA SOCIEDADE

O preconceito linguístico acontece, porque a sociedade ainda não consegue reconhecer as variedades linguísticas que estão presentes na nossa língua, por acreditarem que haja realmente homogeneidade no modo do falar dos cidadãos. Esse preconceito sobrevém em forma de julgamento depreciativo e discriminatório, caracterizando-se pelas variações nos sotaques dos indivíduos, resultando na comparação indevida do modelo idealizado de língua falada, com a maneira como as pessoas realmente se comunicam. Esse preconceito perpassa pela sociedade despercebido principalmente nos dias atuais. Segundo Bagno (2015):

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele, com exceção dos vários cientistas sociais que se dedicam a estudá-lo. Pouquíssimas pessoas reconhecem a existência do preconceito linguístico, que dirá a sua gravidade, como um sério problema social. (BAGNO, 2015, p. 22)

É evidente que, esse preconceito não deixa de ser um problema social, porque é pela linguagem e através da forma como as pessoas se expressam que ele surge, ligado a fatores linguísticos mais principalmente a fatores sociais. Uma outra forma de disseminação do preconceito linguístico é que alguns indivíduos se consideram falantes mais aptos e superiores linguisticamente do que outros dentro de uma sociedade, mas a pior discriminação que acontece é aquela feita por você mesmo, porque para nós falantes da língua, considerar uma construção linguística como “erro” acarreta muito mais o preconceito linguístico, pois acabamos nos convencendo de que não sabemos falar português, por isso, não devemos fazer da nossa língua uma estrutura de subdivisão cultural que fortalece ainda mais essa ideia preconceituosa, precisamos compreender que não existe uma única forma de se falar, e desfazer o mito de que existe uma linguagem certa e outra errada. Nessa direção Bagno (2015) afirma:

Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou ao respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização: erra-se ao tocar piano, erra-se ao dar um comando ao computador, erra-se ao falar/escrever uma língua

estrangeira, erra-se ao escrever, porque a escrita é um aprendizado secundário. A língua materna não é um saber desse tipo: podemos quase dizer que ela é adquirida pela criança desde o útero, é absorvida junto com o leite materno. (BAGNO, 2015, p. 176 a 177)

A ideia de “erro” na língua e esse prejulgamento com as variantes, acontece devido as pessoas de classes mais pobres terem às vezes acesso limitado ou não a educação e a cultura, desse modo, nisso acabam dominando formas linguísticas que servem principalmente para interação oral, utilizando para tanto as variantes linguísticas mais informais e de menor prestígio que fogem daquilo imposto pela norma-padrão tradicional. Por isso, Bagno, ressalta:

A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma-padrão. Essa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é parcial (no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada a todo o resto da língua- afinal, a ponta do iceberg que emerge representa apenas um quinto do seu volume total. Mas é essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia geradora do preconceito linguístico. (BAGNO, p. 90, 2015)

Em vista disso, para minimizar o preconceito linguístico é muito importante que exista a participação de três instituições que são as influenciadoras dessa exclusão pela linguagem, a família, a mídia e a escola para que haja uma reestruturação dos saberes linguísticos. Portanto, a gramática não é um retrato fiel da língua, ela não representa verdadeiramente a língua dos brasileiros, ela é apenas um modelo, assim não se pode considerar que há erros na língua, mas sim diversas formas de se comunicar dependendo do contexto ao qual o falante estará inserido.

2.1 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA SALA DE AULA

O preconceito linguístico é visto todos os dias em nossa sociedade, e o ambiente escolar não está excluído dessa discriminação, dado que, em várias salas de aulas ele acontece na relação entre os colegas, por alunos que dominam um pouco mais do falar da norma-padrão e estão em uma condição social melhor, estes vitimam e excluem os alunos que se encontram em camadas inferiores, principalmente

aqueles que são moradores da zona rural e trazem consigo uma linguagem mais estigmatizada dotada de diferenças linguísticas.

No que diz respeito ao ensino da Língua Portuguesa, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) 1997, que surgiu com a função de orientar os educadores, com base nos pressupostos da Sociolinguística, afirmam que o preconceito com as variedades linguísticas é decorrente do valor social do indivíduo. Segundo os PCN:

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considera-rem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (BRASIL, 1997, p. 26)

Segundo esta afirmação sobre o preconceito as variedades dialetais, os PCN propõem que a escola intervenha como solução para a desconstrução desse prejulgamento, adotando um ensino educacional de qualidade e inclusivo, que tire a ideia de “certo” e “errado” da língua e que respeite as diferenças linguísticas de cada indivíduo. Portanto ressaltam:

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico. (BRASIL, 1997, p. 26)

Percebe-se que esse problema social advém também do ponto de vista que a fala do aluno representaria sua maneira de escrever, por isso seria necessário “corrigir” seu dialeto oral, para que houvesse uma perfeição na sua escrita, mas essa crença não tem fundamento porque a escrita não condiz a língua por completo.

O preconceito linguístico também foi gerado pela ideia de que só existe uma língua correta a baseada na gramática normativa, e por mais que a sala de aula seja dotada de regras impostas pelo estudo desta gramática, ela não está fora da utilização da variação linguística. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004) em seu livro “Educação em língua materna”, constata-se que:

Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal. O que estamos querendo dizer é que, em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas. Essas regras podem estar documentadas e registradas, como nos casos de um tribunal do júri ou de um culto religioso ou podem ser apenas parte da tradição cultural não documentada. Em um outro caso, porém sempre haverá variação da linguagem nos domínios sociais. O grau será maior em alguns domínios do que em outros. Por exemplo, no domínio do lar ou das atividades de lazer, observamos mais variação linguística do que na escola ou na igreja. Mas em todos eles há variação, porque a variação é inerente à própria comunidade linguística. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 25)

Por a variação está ligada a todos os contextos, principalmente no ambiente escolar, o preconceito linguístico também é gerado na relação professor/aluno, ocasionado por professores da matéria de Língua Portuguesa buscarem corrigir a oralidade do educando por estarem presos ainda ao método tradicional de ensino da língua distante do uso da variação linguística. A autora Bortoni-Ricardo em seu livro “Nós chegamos na escola, e agora?” (2005), traz um posicionamento em relação ao ensino da língua.

No Brasil, as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado. [...] (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 14)

Embora saibamos que haja avanços nos estudos sociolinguísticos, a autora coloca que a escola é ensinada para tratar a variação linguística como algo que deve ser eliminado do nosso vocabulário e contexto, uma vez que o ensino da língua está voltado para a aprendizagem de regras e normas vinculadas a fala da cultura dominante e a gramática normativa. Por isso, existe um conflito na construção da linguagem, que se estabelece, a escola, mas especificamente alguns os professores

(nem todos) ensinam os códigos da gramática como se estivessem ensinando a língua por completo. Dessa forma, muitos docentes deixam explícito o seu preconceito com as variantes linguísticas, levando o aluno a raciocinar sobre o estudo da Língua Portuguesa como algo que não faz parte de sua realidade. Segundo, Bortoni-Ricardo (2005).

A escola não pode ignorar as diferenças sociolingüísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade.(...) (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15)

Para um novo ensino da língua é necessária uma mudança de atitude em relação aos professores, para que se perca a ideia de “certo” e “errado” refletindo a respeito de uma educação mais consciente e menos preconceituosa. Por isso, Bortoni-Ricardo, diz o seguinte:

Os alunos que chegam à escola falando “nós cheguemu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades lingüístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes de prestígio dessas expressões. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15)

Os professores devem respeitar a maneira como os alunos se comunicam e parar de corrigi-los de forma inadequada, muitas das vezes os docentes ridicularizam o aluno em frente aos colegas ou utilizam a fala do educando como exemplo para dar uma boa aula de acordo com a norma, fazendo com que o estudante sinta-se constrangido e humilhado, sem a mínima vontade de abrir a boca para falar em sala novamente perante os colegas, isso quando eles por conta dessa atitude não desistem de estudar.

Portanto, é possível admitir que alguns professores não reconhecem por inteiro a realidade heterogênea da língua, desse modo, continuam difundindo um ensino amparado na tradição gramatical e excluindo as variações.

Como experiência, nas aulas de Português no ensino fundamental quando o assunto era Variação Linguística, a professora pedia para abrir o livro didático e as diferenças linguísticas vinham marcadas em tirinhas, ela olhava para a sala e pedia para que todos os alunos reescrevessem as falas dos personagens de acordo com a maneira correta, antigamente não compreendíamos o porquê daquela atitude da professora, mas hoje podemos afirmar que a mesma, ou não conhecia o conteúdo que seria abordado naquele momento, ou estava presa ao ensino tradicional de regras gramaticais. Apesar de já fazer muito tempo que esse fato ocorreu, essa forma de ensino ainda persiste nas aulas de alguns professores, principalmente, aqueles que estão presos a uma metodologia tradicional e para aqueles que não reconhecem a Variação como um conteúdo escolar, pois a sua temática ultrapassa a sala de aula.

Portanto, após essa abordagem do preconceito linguístico na sala de aula, iremos na próxima seção deste trabalho apresentar a metodologia utilizada para nossa pesquisa, que consistirá nos procedimentos realizados para a realização desse estudo. Logo após faremos a discussão sobre a variação linguística presente na imagem lúdica do personagem “Chico Bento” propondo a possibilidade para o ensino das diferenças da língua, e refletindo sobre o preconceito linguístico.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Apresentaremos, a partir de agora os processos metodológicos desenvolvidos em nossa pesquisa, com vistas a alcançarmos o objetivo geral, que é minimizar o preconceito linguístico nos educandos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual de Guarabira, a partir do trabalho com a perspectiva social da linguagem. Inicialmente, apresentaremos nossa escolha pelo método de pesquisa-ação, em seguida, caracterizaremos o lócus e os sujeitos da pesquisa e, por fim, descreveremos os procedimentos que foram tomados para o desenvolvimento das atividades didáticas.

3.1 A natureza da pesquisa

Esta pesquisa é fundamentada nos aportes teóricos propostos por Bagno (2007, 2015), Mollica e Braga (2017), entre outros, que defendem a língua considerando as variedades e os aspectos extralingüísticos. Para a desenvoltura do nosso trabalho foi necessário utilizarmos duas etapas para nossa pesquisa, sendo elas: pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica, e a pesquisa-ação, estritamente de cunho qualitativo. Segundo Severino (2007, p. 120) a pesquisa-ação “é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la”.

Com relação a pesquisa bibliográfica ela é feita através da consulta de livros, revistas e etc., para uma melhor fundamentação teórica, a fim de coletar informações a respeito do tema estudado. Acerca desse tipo de pesquisa Gil (2010, p.2) assevera:

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela internet. (2010, p. 2)

Conforme Richardson (2012, p. 80), a pesquisa qualitativa tem como objeto:

[...] situações complexas ou estritamente particulares. Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (RICHARDSON, 2012, p.80).

A seguir, serão apresentados o lócus e sujeito da pesquisa como os procedimentos metodológicos para nossa proposta de intervenção.

3.2 O lócus da pesquisa

O lócus da nossa pesquisa é a Escola Estadual de Ensino Fundamental Deputado Gustavo Amorim. O colégio faz parte da rede estadual de ensino, localizada no município de Guarabira-PB, na rua Oseas Amaral, nº 133- Bairro do Cordeiro. Essa

escola atende aproximadamente 184 alunos, distribuídos em 5 turmas, que funcionam nos turnos: manhã e tarde atendendo alunos do (6° ao 9° ano) do Ensino Fundamental II, e pela noite do (6° ao 9° ano) com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola também possui o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e cada turma funciona com uma média de 15 a 25 alunos.

3.3 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos participantes da pesquisa são discentes com faixa etária entre 13 a 16 anos de idade, de uma turma do 9° ano do Ensino Fundamental da escola Gustavo Amorim. Essa turma é formada por 16 estudantes, sendo que um dos alunos é especial portador de Síndrome de Down, e não estava presente durante a aplicação da oficina. Dessa forma, 15 educandos participaram de todas as atividades didáticas desenvolvidas. Esses estudantes são em boa parte, provenientes de bairros e sítios próximos do bairro no qual a escola está localizada e pertencem economicamente, a uma classe que possui baixo poder aquisitivo.

O interesse em realizar a pesquisa na escola citada e na turma surgiu por ter sido o nosso ambiente para a realização da matéria de Estágio Supervisionado II do curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Selecionamos a turma pelo contato do estágio e por ter sido observado que em pequenos momentos das aulas lecionadas alguns de seus membros faziam uso de alguma variação linguística e eram ignorados pela turma. Portanto, esse contato com os discentes nos fez pensar sobre o tema desse trabalho, isto é, o preconceito linguístico, em atividades didáticas que minimizem o preconceito dos alunos.

3.4 Procedimentos desenvolvidos na aplicação da oficina

No primeiro momento, iniciamos a oficina apresentando para os alunos a imagem do Chico Bento (ver figura 1), para que iniciasse a discussão sobre o personagem. Durante esse momento os alunos foram falando todos os conhecimentos que tinham pelo personagem.



Fonte: Maurício de Souza, 2016.

No segundo momento, exibimos o vídeo do personagem indo ao shopping, que mostra Chico Bento saindo de seu ambiente rural para a cidade grande (capital). Conforme mostra a figura 2.

Figura2: Chico Bento no shopping



Disponível: portaldoprofessor.mec.gov.br

O vídeo passado para os alunos mostra o personagem usando o seu “falar caipira”, e que por sua forma de falar ao adentrar no shopping Chico Bento logo é olhado diferente pelas pessoas. Abrimos discussões para os alunos e aproveitamos

esse momento para explicamos para eles sobre a variação linguística, e sobre o preconceito que há pelo não reconhecimento da mesma.

Dando prosseguimento, entregamos para os alunos duas tirinhas retiradas da internet, uma que há a variação linguística (figura 03), e outra que Chico Bento sofre o preconceito linguístico pela professora (figura 04), com o intuito de exemplificar o que vínhamos construindo com relação ao conteúdo.

Figura 03: Chico Bento representando o “falar caipira”



Fonte: Maurício de Souza, 2016.

Figura 4: Preconceito linguístico sofrido pelo personagem



Fonte: Maurício de Souza, 2016.

No quarto e último momento, pedimos para que os alunos a partir das tirinhas de Chico Bento analisassem a sua forma de falar, e produzissem um comentário refletindo sobre o preconceito linguístico.

4 APRESENTAÇÃO, DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA OFICINA DIDÁTICA

4.1 A proposta da Oficina: “Chico Bento – Uma discussão para minimização do preconceito linguístico”.

A oficina didática, “Chico Bento – Uma discussão para minimização do preconceito linguístico”, tem como análise o estudo das variações linguísticas, que objetivou a discussão para a conscientização e reflexão dos participantes (alunos do ensino fundamental II), acerca do preconceito linguístico valendo-se da figura de Chico Bento.

4.2 A descrição da oficina

Através da utilização do personagem Chico Bento de Maurício de Souza, a oficina didática para os alunos (as), do 9º ano do fundamental II, estruturou-se em 03 módulos, finalizando com um produto final:

- **Título:** “Chico Bento – Uma discussão para minimização do preconceito linguístico”.
- **Conteúdos abordados:** Variação Linguística; Preconceito Linguístico.
- **Objetivo (s):** Desmistificar o preconceito linguístico através do personagem Chico Bento.
- **Justificativa:** Tendo em vista que a língua varia, existindo muitas formas de comunicação, observou-se que a variação linguística é pouco discutida e tem pouco espaço no ambiente escolar. Desse modo, buscou-se através de Chico Bento estudar a variação linguística como uns dos conteúdos presentes no material escolar. A partir do “falar caipira”, perspectivasse a conscientização e diminuição do preconceito linguístico.
- **Módulo 01:** Apresentação do personagem com a discussão sobre a sua forma de falar.
- **Módulo 02:** Exibição do vídeo “Chico Bento no shopping”, discussão sobre o conteúdo da variação linguística.
- **Módulo 03:** Entrega de tirinhas do personagem retiradas da *internet*, para observação da linguagem de Chico Bento e do preconceito linguístico que ele sofre.
- **Produto final:** Produção de um comentário reflexivo com o posicionamento sobre o preconceito linguístico.

A oficina realizou-se, no turno da manhã, em uma Escola Pública de Ensino Fundamental II, da cidade de Guarabira - PB e os procedimentos realizados foram: contato com a diretora para a autorização da oficina; contato com a professora e a turma; aplicação da oficina e coleta do material para análise.

4.3 Considerações iniciais sobre o personagem

Francisco Antônio Bento, ou simplesmente Chico Bento, é um personagem das histórias em quadrinhos, criado pelo autor Maurício de Souza, é uma criança de 8 anos de idade que mora numa cidade do interior de São Paulo, surgiu em 1961, inspirado em histórias de um tio-avô que eram contadas pela avó do escritor, mas sua primeira revista só foi publicada em 26 de agosto de 1982.

Chico Bento representa a pureza e a simplicidade de uma criança moradora do campo. O autor vem nos mostrar com o personagem, não apenas sua inocência por ter uma vida simples no sítio, mas principalmente, as variações dialetais que são encontradas no seu “falar caipira” e em várias regiões do interior do nosso país, que, por várias vezes, são vítimas do preconceito linguístico que existe em nossa sociedade.

A figura desse personagem nos transmite a sua cultura e nos remete ao meio rural, a sua fala é carregada de traços culturais, demonstrando o dialeto “caipira” que representa o falar de pessoas que moram na zona rural das cidades. Para a autora Bortoni-Ricardo, 2004:

O personagem Chico Bento é uma criação muito feliz da equipe de Maurício de Souza, pois permiti que as crianças com antecedentes urbanos se familiarizem com a cultura rural, conhecendo muitas expressões dessa rica cultura que, hoje em dia, têm pouco espaço na literatura e nos meios de comunicação. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 45).

Em relação ao contato das crianças com as histórias do personagem, a fala de Chico Bento que é considerada “errada” pela sociedade, não influenciará na educação linguística das crianças fazendo com que elas falem da mesma maneira, segundo Bortoni-Ricardo (2004) permitirá que elas percebam o personagem como representante de vários brasileiros que utilizam as diferenças linguísticas em sua comunicação, mostrando uma linguagem usada no passado que ainda é encontrada hoje em dia. Desse modo, Chico proporciona as pessoas uma familiarização com a sua cultura, possibilitando assim, uma melhor compreensão e conscientização da sua linguagem como produto social.

4.4 Análise da oficina.

É de comum entendimento que o não reconhecimento das variações linguísticas gera o preconceito linguístico, que esse fenômeno influencia o preconceito social, levando à marginalização das pessoas que não falam de acordo com as regras gramaticais. Logo, ao relacionar esse preconceito a sala de aula, lembramos que o ser humano se constitui do contato social com o outro, e que, principalmente no ambiente escolar o aluno está a todo o momento interagindo com os colegas, portanto a relação de um educando para com o outro não pode ser baseada nesse tipo de preconceito, pois quem é vitimado por ele, pode desenvolver sérios problemas educacionais e pessoais. Visto isso, como professores de língua materna devemos atentar para o nosso trabalho com as variações linguísticas em nossa sala de aula, buscando através delas desmitificar esse preconceito linguístico que existe no ambiente escolar.

Por isso, a nossa análise fundamentou-se nos estudos de Bagno (2007), afirmando que “toda língua é um feixe de variedades” (BAGNO, 2007, p. 47). Para tanto, a principal proposta da oficina foi de desenvolver didáticas envolvendo a interação do aluno, e a observação no “falar caipira” do personagem Chico Bento, buscando através dele diminuir o preconceito linguístico na sala de aula. Logo, para um melhor desenvolvimento da nossa pesquisa, foi necessário o contato com a turma do 9º ano da cidade de Guarabira - PB, onde pudemos constatar alguns usos de variações linguísticas na sala de aula.

Durante a aplicação da oficina foram observados traços nas falas dos alunos, suas posturas e atitudes em determinadas situações. Diante das observações foram destacados os seguintes registros nas falas dos discentes.

-“muié”

- “nóis”

- “fessora”

As formas de variações constatadas na fala dos alunos, foram com relação a utilização do pronome nós pronunciado “nóis”, observou-se também questões de variação em traços fonéticos na pronúncia, como por exemplo “muié”, em lugar de

mulher, “fessora” em relação a professora. Essas variações que aconteceram nas pronúncias presentes na sala de aula foram motivos de olhares discriminatórios e de risos de alguns colegas, por isso, é importante o estudo das diversidades linguísticas na sala, porque quando o aluno vira motivo de gargalhadas pelo uso da variação, ele sente-se inseguro, e essa situação fará com que ele fique cada vez mais recatado em sala de aula por medo de dizer algo que seja considerado “errado” pelos colegas ou pelo professor.

Desse modo, o nosso interesse de trabalho com Chico Bento aconteceu porque em suas historinhas o seu falar é caracterizado como “errado”, mas através dos estudos sociolinguísticos passamos a compreender que sua linguagem é dotada de diferenças linguísticas, e que o preconceito linguístico arraigado contra as suas manifestações culturais não tem nenhum sentido.

Vale destacar que o “fessora” pronunciado por um dos alunos na sala do 9º ano se assemelha com a forma de falar do personagem, numa das tirinhas expostas em sala para os discentes. Conforme mostrado anteriormente na figura 03, em que Chico deixa explícito o seu falar “caipira” e dirige-se a professora, chamando-a de “fessora”.

Portanto, nas tirinhas do personagem Chico Bento, podemos perceber as marcas linguísticas do falar rural, do “caipira”, e verificar a utilização da linguagem estigmatizada. Porém, por não estar de acordo com as regras gramaticais, os alunos podem considerar o seu falar “errado”. Sendo assim, percebemos a relevância de selecionar histórias desse personagem no âmbito escolar, para fazer com que os discentes conheçam a variação linguística não como um “problema”, mas que eles entendam como um dos muitos “modos de falar” na língua, refletindo a maneira de tratamento com os seus colegas e com as demais pessoas que falam de modo semelhante ao personagem.

Dessa forma, pelo fato dos alunos não entenderem que a língua está sujeita a inúmeras variações, o preconceito linguístico perpassa maquiado em nossa sociedade. Em função disso é necessária a exposição para os alunos de que a língua tem a função de comunicação, em que seus falantes organizam e reorganizam suas falas conforme as suas necessidades de interação social. Partindo dessa noção, não podemos deixar que esse julgamento linguístico esteja presente no ambiente escolar,

por acabar prejudicando o processo educacional, e criar barreiras para o enriquecimento linguístico e cultural do aluno. Dessa forma, Bortoni-Ricardo ressalta:

Chico Bento pode se transformar, em nossas salas de aulas, em um símbolo do multiculturalismo que ali deve ser cultivado. Suas historinhas são também ótimo recurso para despertamos em nossos alunos a consciência da diversidade sociolinguística. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 46)

Nesse intento, de acordo com a autora, uma aula administrada com a utilização das historinhas do personagem, proporciona o estudo da sociolinguística, de suas variedades, contribuindo para a aprendizagem dos alunos.

Através da nossa proposta didática mostramos para os discentes que devemos reconhecer e respeitar a dinamicidade da língua através de seus usos. Com essa postura, não queremos dizer que não existe espaço para o estudo da gramática tradicional que sempre foi vista por alguns professores de língua portuguesa como a única maneira certa de dizer alguma coisa na língua, mas fazer com que esse ensino seja reformulado sem preconceitos. Como ressalta Bagno (2007):

Se por gramática entendermos o estudo sem preconceitos do funcionamento da língua, do modo como todo ser humano é capaz de produzir linguagem e interagir socialmente através dela, por meio de textos falados e escritos, portadores de um discurso, então, definitivamente é para ensinar gramática sim [...] (BAGNO, 2007, p. 70).

Devemos entender que como professores é nosso dever colaborar para a construção dos conhecimentos gramaticais na educação dos nossos alunos, mas desmistificando o preconceito que há pela variação linguística. Durante a aplicação da oficina, no primeiro momento da apresentação da imagem do personagem, conseguimos constatar o preconceito que existia com relação a forma de falar de Chico Bento, a partir de comentários tecidos pelos alunos. Por questão de ética na pesquisa não apontaremos os nomes dos alunos. Utilizaremos, para tanto a associação de letras e números para identificar os educandos.

A1: “Chico Bento é um menino que fala esquisito”.

A partir, da colocação da aluna, buscamos investigar e discutir com todos os discentes qual era o conceito de “esquisito”. Através do questionamento, outro aluno comentou:

A2: “Ele fala tudo errado”

Conforme fomos discutindo e explicando para os alunos sobre as diferenças linguísticas, a visão dos educandos foram mudando com relação ao personagem e a linguagem do próprio. As discussões que ocorreram na sala contribuíram não só para a diminuição do preconceito linguístico, mas para desenvolver no aluno uma conscientização respeitando as diferenças linguísticas. Apresentaremos agora, alguns dos comentários escritos pelos alunos que foram transcritos conforme os originais.

Comentário 1 escrito por um aluno

“Não é certo quando uma pessoa é corrigida pela forma de falar; até porque cada um tem a sua forma de se expressar, dependendo do lugar, da origem dela. Por isso não é certo também acaba sendo constrangedor.”

Comentário 2 tecido por uma aluna

“O preconceito acontece muito nas escolas, eu não acho isso certo, as vezes as pessoas são discriminadas pelo seu jeito de falar, por alguma deficiência física ou pela sua cor. Um exemplo de um preconceito linguístico é o vídeo do personagem chico bento, o primo levou ele para conhecer o shopping e quando chegaram lá chico bento e seu primo se separaram. Chico começou a andar e olhar tudo. Ele viu nomes em inglês e não soube distinguir que nome era. As pessoas ficavam olhando para ele, e pelo seu jeito de falar como se fosse algo de outro mundo. Mas não era! Apenas era o jeito dele, e a sua fala representava o lugar onde ele viveu por muito tempo. O sítio.”

Comentário 3 tecido por um aluno

“Preconceito linguístico é uma coisa que não pode acontecer, tipo você corrigir alguém é um preconceito se imagine você sendo corrigido, você não iria gostar porque ninguém gosta eu sei disso por experiência própria, eu fui corrigido e não gostei muito da sensação.”

Através destes comentários, percebemos que os alunos expressaram suas opiniões acerca do conteúdo principal da oficina, e que em alguns momentos

conseguiram relacionar o assunto a sua vida pessoal, mostrando situações em que sofreram o preconceito linguístico. Nos textos expostos foi possível perceber o quanto a proposta didática teve sucesso, e que ela conseguiu alcançar um dos pontos mais importantes mostrando que os alunos conseguiram compreender esse preconceito, entendendo que não existe uma forma certa ou errada de se falar e que essa perspectiva não pode passar despercebida por nós.

Em consequência disso, é necessário refletir sobre as questões linguísticas na língua, porque muitas das vezes quando paramos para pensar, logo nos vemos condicionados pelas regras da gramática normativa. Portanto, o trabalho com nossa língua materna em sala de aula deve encontrar formas de refletir sobre o português brasileiro e suas variedades, convencendo os nossos alunos que a variação pode ser usada sem algum problema, e que essa reflexão contribuirá para a desmistificação do preconceito que há na nossa língua com as variações.

4.5 Resultado da oficina

Com a utilização de Chico Bento para realização da oficina, conseguimos desenvolver nos alunos uma compreensão sobre a linguagem “caipira” do personagem, mostrando para os discentes a variedade linguística do falar de pessoas que moram no ambiente rural no Brasil, e que algumas dessas variações podem estar presentes na sala de aula.

Durante os procedimentos tomados para a aplicação da oficina, os alunos envolveram-se bastante discutindo e interagindo com as atividades. Todas as propostas didáticas foram desenvolvidas com responsabilidade, pois a turma estava empenhada em contribuir com tudo que lhes foi apresentado. Os conteúdos expostos através do personagem foram assimilados com tranquilidade, surtindo efeito através da reflexão que os discentes fizeram a partir da escrita do produto final da oficina.

Nesta perspectiva, a conscientização sobre o preconceito linguístico consolidou-se na aprendizagem dos alunos. A oficina proporcionou discussões sobre o falar do personagem, leitura e reflexão a partir das tirinhas expostas e o

posicionamento crítico do aluno com relação ao preconceito linguístico. Não foi possível medir a diminuição que houve na sala de aula a respeito desse preconceito, mas fomos capazes de mostrar que se pode formar cidadãos conscientes para o processo de aprendizagem da nossa língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, observamos no presente trabalho os aspectos linguísticos no falar de Chico Bento, concluímos que é importante utilizarmos a variação linguística para abordarmos assuntos presentes na sociedade brasileira, e dispor em sala de aula de atividades didáticas que contemplem para a redução do preconceito linguístico.

Assim, levando em consideração todos os preconceitos que a linguagem não padrão sofre, é desmotivador a irrelevância com que as pessoas discutem sobre o preconceito linguístico, e que não percebem o quão é importante esse assunto é para a formação de um cidadão conhecer suas próprias variantes, que reconhece a variação linguística como marca da identidade cultural de um povo.

Portanto, a pesquisa veio mostrar que a variação não se trata de erro na língua, e que, o preconceito contra essas variedades é uma forma ignorante para aqueles que não conhecem profundamente o assunto. Em razão disso, o preconceito contra o “falar caipira” como o do personagem Chico Bento e com as demais variantes do nosso país deve ser extinto da sala de aula e de nossa sociedade.

Por essa razão as aulas de língua portuguesa devem estar relacionadas para o ensino dos processos de mudança que ocorre na língua. Nesse sentido, é preciso combater este preconceito e pensar em propostas didáticas para a sala de aula que reconheçam a importância da diversidade linguística, para que consigamos alcançarmos uma melhor conscientização social.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística –Parte I. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (ed). **Introdução a Sociolinguística**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56ª ed. Revista ampliada – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BRASIL, **Ministério da educação:Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1997.
- BRAGA, Maria Luiza. MOLLICA, Maria Cecília.**Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação**.4ª. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nóis cheguemu na escola e agora?**.São Paulo: Parábola, 2005.
- CEZARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. Abordagens Linguísticas: Sociolinguística. *In*: MARTELLOTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto 2018. p. 141
- COSTA, Marcos Antônio. Abordagens Linguísticas: Estruturalismo. *In*: MARTELLOTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p . 114
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.MOLLICA, Maria Cecília.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo Atlas, 2012.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.